



escxel
REDE DE ESCOLAS DE EXCELÊNCIA



11.º Seminário ESCXEL

*Percursos Vocacionais Alternativos:
oportunidades, problemas e estratégias*

Outubro 2012



3 | INTRODUÇÃO

4 | SÍNTESE DOS PAINÉIS/WORKSHOPS

10 | AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

13 | ANEXOS

INTRODUÇÃO

O 11º Seminário ESCXEL, realizou-se no passado dia 26 de Outubro de 2012, no Agrupamento de Carnaxide, e foi subordinado ao tema “ Percursos Vocacionais Alternativos: oportunidades, problemas e estratégias”.

Os trabalhos desenvolvidos consistiram na realização de um painel central, no qual foram apresentadas experiências e metodologias de Orientação Escolar e Vocacional, e de um conjunto de três Workshops reflexivos subordinados aos temas, “Orientação de Percursos Escolares Vocacionais”, “Planeamento e Gestão de Ofertas Profissionalizantes”, e “Mercado de Trabalho, oportunidades e articulação com as Empresas”.

O curso dos trabalhos que decorreram ao longo do dia, demonstrou uma enorme dedicação e empenho dos vários atores, participantes e oradores, na educação e formação de jovens e na orientação destes para escolhas que resultassem na sua qualificação e valorização, bem como na garantia de escolhas/oferta de percursos profissionalizantes que melhor garantam uma estreita ligação ao tecido empresarial envolvente e inerentemente, ao mercado de trabalho.

Do presente relatório constam os anexos respeitantes à lista de oradores e participantes no Seminário, bem como uma avaliação do mesmo.

SÍNTESE DOS PAINÉIS/WORKSHOPS

A sessão de abertura consistiu na apresentação por parte dos oradores, da importância da colaboração e cooperação dos intervenientes na educação e formação em iniciativas como o Projeto ESCXEL, para a melhoria do desempenho escolar e profissional a todos os níveis, em particular ao nível da eficiência e aproveitamento dos recursos de conhecimento, benchmarking e aferição, que a cooperação pela troca de informação e experiências possibilita.

Questões como a contextualização da orientação vocacional, a valorização da docência na relação direta com a valorização social do ensino profissional/profissionalizante enquanto via de ensino cujo prestígio deverá ser equiparado às outras modalidades de ensino, a diversidade dos conteúdos e a reorganização das práticas na sala de aula, bem como a flexibilização e diversificação dos currículos escolares regulares enquanto respostas mais efetivas à qualificação dos alunos, foram igualmente temas de reflexão e debate nesta sessão que contou com as intervenções de:

- Dr. António Seixas (Presidente da CAP de Agrupamento de Escolas de Carnaxide);
- Professor Doutor David Justino (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, CESNOVA /ESCXEL;
- Dr. José Alberto Duarte (Diretor Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo);
- Dr. Paulo Vistas (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Oeiras).

Na sessão constituída pelo painel central, conferência plenária, dedicada ao tema “Orientação Vocacional Escolar” foram apresentados exemplos e metodologias de intervenção, bem como linhas de propostas no sentido da melhoria do desempenho nesta matéria por parte dos atores intervenientes num procedimento de forte enfoque motivador e mobilizador dos alunos no sentido da sua integração e valorização enquanto indivíduos cujas escolhas devem ser consideradas de igual atratividade e reconhecimento social.

Num reforço da importância do papel da Orientação Vocacional nas escolhas do aluno, instrumento enfatizado pela UE nas suas orientações em matéria de Educação Formação para 2020, foram apresentadas experiências dos SPO na aplicação de instrumentos, metodologias e procedimentos de orientação vocacional em escolas da rede pública de ensino com vias profissionalizantes e nas escolas privadas de ensino profissional, numa demonstração da dedicação e sucesso destes serviços que no entanto continuam a carecer de reconhecimento por parte das tutelas pese embora a legislação nacional produzida nestas matérias cujo destaque se centrou em dois documentos legislativos e normativos, nomeadamente a Lei de Bases nº46/86 e o D.L. 190/91.

Nesta conferência plenária participaram enquanto oradores convidados:

- Professora Doutora Ana Carita (Universidade Lusófona) que apresentou igualmente o estudo sobre orientação vocacional escolar publicado pelo Conselho Nacional de Educação;

- Dr.ª Maria João Saraiva da ES Quinta do Marquês, que apresentou o exemplo da orientação profissional numa escola pública;
- Dr.ª Teresa Diniz que apresentou o exemplo da orientação profissional na escola profissional privada, escola de Comércio de Lisboa.

Os Workshops foram repartidos por 3 temas cujas linhas de reflexão e conclusões foram:

Workshop 1 – Orientação de percursos vocacionais escolares

Esta sessão de trabalho desenrolou-se em dois momentos:

- 1º Momento: as intervenientes do painel, Dr.ª Anabela Grácio Diretora do Agrupamento de Constância, e Dr.ª Maria João Saraiva, Serviços de Psicologia e Orientação da Escola Secundária Quinta do Marquês, abordaram a temática em discussão segundo as respetivas perspetivas;
- 2º Momento: os participantes debateram as ideias apresentadas.

O primeiro momento da sessão foi iniciado por Anabela Grácio que metaforicamente descreveu a variedade de alunos numa escola como um “arco-íris” para sublinhar o princípio de que cabe à escola construir respostas educativas para todos os alunos que a frequentam. Entende Anabela Grácio que, apesar das práticas das escolas se integrarem numa matriz comum a nível nacional, as culturas organizacionais são diferentes quando respondem ao duplo objetivo de a) “escolarizar” (conforme ao espírito da lei) e b) promover uma “efetiva escolaridade” dos jovens.

Conforme informou a Diretora do Agrupamento de Constância, a escola procedeu a um debate interno no sentido de encontrar respostas para aquilo que se designa de a) “um percurso escolar normal” e b) os “percursos alternativos”, sublinhando Anabela Grácio o facto de caber à escola encontrar as respostas para a ambivalência que parece existir relativamente aos percursos profissionalizantes, ou seja, o facto de (segundo o discurso oficial) as opções profissionalizantes poderem colmatar as competências que os jovens não têm ou o facto das escolhas por estas vias serem baseadas em capacidades específicas. Neste contexto, mencionou a publicação da Portaria nº 292 A/2012, tendo equacionado a situação daqueles jovens que não querendo seguir nem um percurso normal nem um percurso alternativo, terão necessariamente de cumprir a escolaridade obrigatória.

Para terminar a apresentação, a Diretora do Agrupamento de Constância identificou os seguintes desafios:

- Necessidade de evitar que a diversificação pedagógica possa levar à estratificação social;
 - Necessidade de evitar um círculo negativo de escolaridade;
 - Necessidade de ter em conta a dimensão dos agrupamentos;
 - Necessidade de garantir a escolaridade obrigatória a todos os jovens, incluindo aqueles que não querem seguir nenhum dos percursos disponíveis;
-

- Necessidade de equacionar as questões decorrentes da obrigatoriedade dos exames finais para o prosseguimento de estudos no que respeita aos percursos alternativos.

Seguiu-se a intervenção da psicóloga da E.S. Quinta do Marquês, Maria João Saraiva, que abordou a questão da orientação de percursos escolares alternativos na linha da sua apresentação em plenário na parte da manhã. As ideias-chave de Maria João Saraiva foram as seguintes:

- A Orientação Escolar e Profissional devem ser promovidas por psicólogos especialistas que contribuirão para a definição de estratégias e opções da escola com o envolvimento das famílias e professores;
- As experiências de aprendizagem satisfatórias são fator fundamental na construção de aprendentes empenhados no presente e no futuro, na perspetiva da aprendizagem ao longo da vida;
- É imprescindível analisar e compreender o insucesso no percurso escolar para que o psicólogo, a família e os professores possam, articuladamente, delinear as medidas mais adequadas a cada situação em particular;
- É necessário que haja não só liberdade nas escolhas mas também que se ampliem as possibilidades dessas escolhas de modo a precaver situações de negação relativamente à aprendizagem, no presente percurso escolar e em futuros percursos ao longo da vida;
- Impõe-se alterar a rigidez e a falta de diversidade das ofertas profissionalizantes porque a flexibilidade e a diversificação curricular são fatores-chave do sucesso individual.

Na sequência das apresentações acima sintetizadas, o Moderador abriu o debate que, condicionado pelo pouco tempo disponível, se centrou nas seguintes questões:

- Que fatores são indutores de sucesso?

Destacaram-se: a constituição de turmas, flexibilidade e diversificação curricular, a progressão por níveis de aprendizagem;

- Que critérios específicos se devem utilizar para a distribuição de serviço letivo nas vias profissionalizantes?

Destacou-se a experiência e a motivação dos professores (critério que não está necessariamente conectado com um grupo etário) como um dos critérios que pode ser utilizado, embora dependa das circunstâncias específicas de cada escola

- Como (re)conciliar a questão dos exames obrigatórios para prosseguimento de estudos e os requisitos aplicáveis aos jovens das vias profissionalizantes?

Destacaram-se as previsíveis disfunções na aplicação dos novos requisitos nas vias profissionalizantes uma vez que os alunos terão de obrigatoriamente de se submetidos a exames de disciplinas que não constam dos seu currículos.

Moderou este workshop o Dr. João Nunes, Presidente da CAP do Agrupamento de Paço d'Arcos e foi

relatora Maria Emília Galvão, CESNOVA

Workshop 2 – Planeamento e gestão de ofertas profissionalizantes

Com este tema, pretendeu-se uma reflexão sobre o papel que os diferentes parceiros educativos (com destaque para os municípios, as empresas e as direções regionais de educação) desempenham na articulação entre os vários estabelecimentos de ensino e o mundo empresarial, de modo a uma mais eficaz racionalização da rede das ofertas educativas profissionalizantes.

Constituíram o painel, docentes e responsáveis pelo ensino profissionalizante da Escola da Batalha que apresentaram a sua experiência em matéria de formação de jovens em vias profissionalizantes, assinalando o mérito das ligações e proximidade ao tecido empresarial envolvente, na satisfação dos objetivos propostos pela escola e das motivações dos alunos, realçando a necessidade que as escolas têm de adaptar as suas ofertas às necessidades das empresas, e à evolução e transformações do mercado, e o diretor da Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DREL), que mostrou preocupações relativas à diminuição do número de alunos inscritos em vias profissionalizantes no corrente ano, bem como à situação económica que o País atravessa, a qual refere, condiciona de alguma forma o planeamento de ofertas ao nível da abertura de cursos dadas as dificuldades de colocação no mercado. Nesta intervenção, foram assinalados os resultados positivos verificados em algumas escolas públicas ao nível do ensino profissional enfatizando-se a importância do acompanhamento do aluno no estágio profissional, ligação que considera melhor contribuir para a abertura do tecido empresarial às escolas.

Quanto ao papel de outros intervenientes na gestão e planeamento das ofertas formativas profissionalizantes reforçou-se a necessidade de maior envolvimento das autarquias nesta articulação.

Ainda na linha das intervenções dos oradores neste painel, e apontando alguns pontos de apreensão relativamente à “concorrência” de que podem ser alvo as escolas de localização periférica, a escola da Batalha orgulha-se de ter já estabelecidos acordos e protocolos de estágios profissionais até 2014, trabalho que desenvolveu em articulação estreita com o tecido empresarial local e envolvente.

As questões colocadas pelos participantes centraram-se nas experiências próprias de desenvolvimento de iniciativas de articulação de sucesso com os diferentes parceiros educativos, na importância das experiências conhecidas de formação em Empreendedorismo, formação considerada pela maioria dos participantes e intervenientes como fulcral para a preparação dos jovens para o mercado de trabalho. Apontadas com menor sucesso foram as experiências desenvolvidas pela contratação de profissionais das empresas, ou de outros profissionais com formação fora do ambiente escola

A concorrência entre escolas públicas e privadas de ensino profissional, e as dificuldades de planeamento resultantes da forte mobilidade que caracteriza esta modalidade de ensino bem como a diversidade versus especialização das ofertas foram igualmente pontos de preocupação e referência nesta sessão de trabalhos.

Em síntese conclusiva deste Workshop, foram reforçadas 3 questões principais:

- 1.A articulação das Escolas com a realidade envolvente de maneira a ajustar os recursos existentes e as necessidades adaptando as suas ofertas a uma volatilidade observada quer pelas alterações do mercado quer pelas escolhas dos próprios alunos;
- 2.O papel dos municípios no apoio a uma articulação entre os concelhos vizinhos, numa perspetiva de contributo para uma melhor definição das ofertas;
- 3.Adequação dos Recursos Humanos e troca de experiências e saberes e competências, e necessidade de melhor equilíbrio nas respostas aos alunos dando possibilidade de ofertas variadas nas escolas de forma a elevar a motivação e interesse dos alunos reforçando igualmente o papel dos Serviços de Orientação.

Moderou este Workshop, a Dr.ª Júlia Tainha, Diretora da Escola Secundária Quinta do Marquês e foi relatora Marina Peliz, CESNOVA

Workshop 3 – Mercado de trabalho, oportunidades e articulação com as empresas

Este painel contou com as apresentações de boas práticas no ensino profissional, por parte dos seguintes intervenientes:

- Dr.ª Conceição Bernardes e Dra. Teresa Carvalho, do Agrupamento de Escolas Dr.ª Laura Ayres (Loulé);
- Dr.ª Fátima Domingues, do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares (Castelo Branco).

A primeira questão a salientar é que o mercado de empresas parceiras é maior no caso da Escola de Dr.ª Laura Ayres e o raio de alcance das parcerias é regional. Esta rede constituiu-se no tempo, através das empresas parceiras e através dos técnicos de formação com contactos com empresas. No caso de Castelo Branco, o mercado de empresas é menor e os estágios têm de ser procurados localmente, regionalmente e nacionalmente.

O que nos conduz à questão de os estágios serem o elemento-chave do ensino profissional, o estágio e o desempenho dos alunos são o melhor cartão-de-visita para a formação oferecida pela escola e levam, num processo gradual de difusão da ideia da qualidade da formação, à ampliação das parcerias. Mas encontrar estágios para os alunos é igualmente o principal problema do ensino profissional, e note-se, estágios que sejam efetivamente qualificantes. A ampliar a oferta de ensino profissional ter-se-á de ter a questão da oferta de estágios e da sua qualidade em linha de conta.

Esta questão alerta-nos ainda para a importância dos técnicos de formação como agentes da construção de um ensino profissional de qualidade, não só pelas competências próprias como também pelos contactos profissionais que podem trazer à escola.

Uma outra questão debatida no workshop foi uma questão já referida no Seminário, a do tipo de currículo a oferecer num curso profissional: deve este ser mais especializado e profissionalizante ou mais transversal,

de modo a promover a adaptabilidade a um mercado de trabalho em constante mutação?

Discutiu-se ainda qual o possível papel das câmaras municipais no ensino profissional, tendo sido sugerido que as câmaras deveriam organizar a oferta profissional trabalhando em rede com as escolas, de modo a não haver sobreposição de oferta formativa.

O problema da dimensão também foi discutido, as turmas muito grandes no ensino profissional não serão viáveis devido à falta de equipamentos e de técnicos de formação e, sobretudo, devido à impossibilidade de criar estágios para muitos alunos. Este problema vai colocar-se igualmente se aumentar a oferta de cursos profissionais.

No que se refere ao financiamento, que num horizonte de longo prazo se pretende fosse participado pelas empresas, este cenário não surge como uma possibilidade, a questão da crise financeira contribui para isso, assim como para a dificuldade em encontrar empresas em condições de oferecerem estágios qualificantes. Há, na experiência de mais longo prazo de Loulé um caso pontual, do curso de fotografia, em que se verifica algum retorno das empresas parceiras para a escola.

Moderou este painel, o Dr. Arlindo Domingues, CAP do Agrupamento de Escolas de Carnaxide, e foi relatora Luísa Franco, CESNOVA.

Os trabalhos do Seminário terminaram em sessão plenária, com a apresentação pelos (as) relatores (as), das conclusões e reflexões desenvolvidas nos diferentes Workshops, e com intervenções de síntese e cumprimentos por parte da Câmara Municipal de Oeiras representada pela Dr.ª Alexandra Vasconcelos, responsável dos Serviços de Educação da Câmara Municipal de Oeiras que reforça o empenho do Município de Oeiras quer no Projeto ESCXEL, quer na articulação com as escolas e demais parceiros educativos, do Presidente da CAP do Agrupamento de Escolas de Carnaxide que reforça o valor do espaço de diálogo e partilha que o envolvimento e compromisso com o projeto ESCXEL têm trazido à melhoria dos resultados educativos.

AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

Segue-se a apresentação de alguns elementos de avaliação dos trabalhos decorridos ao longo do Seminário.

- Número total de participantes: 70
- Dados estatísticos

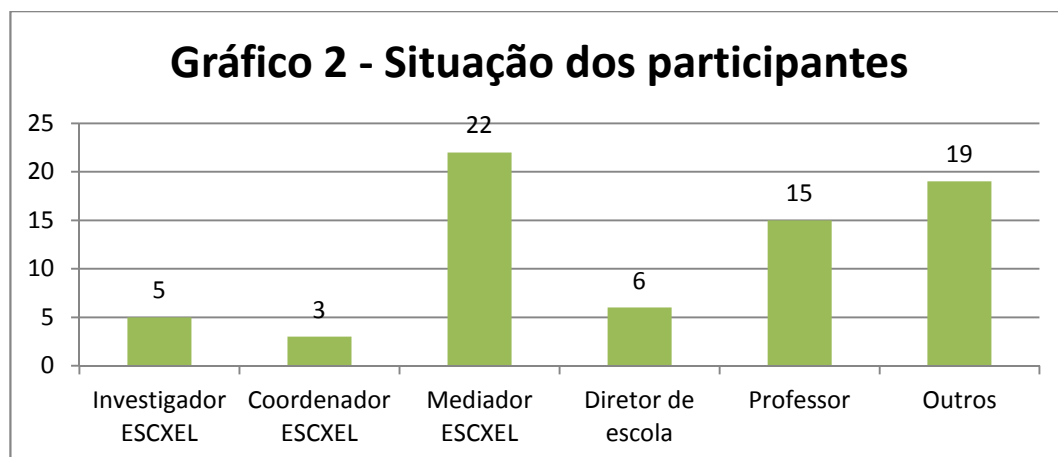
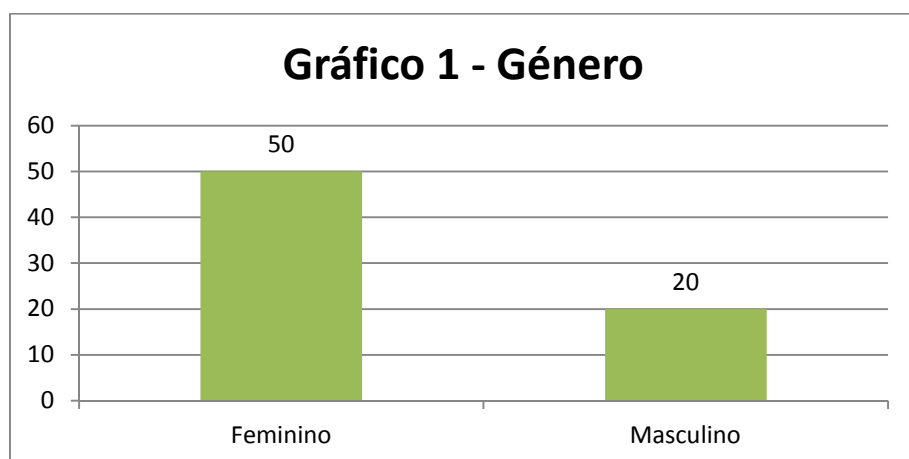


Gráfico 3 - Participação seminários anteriores

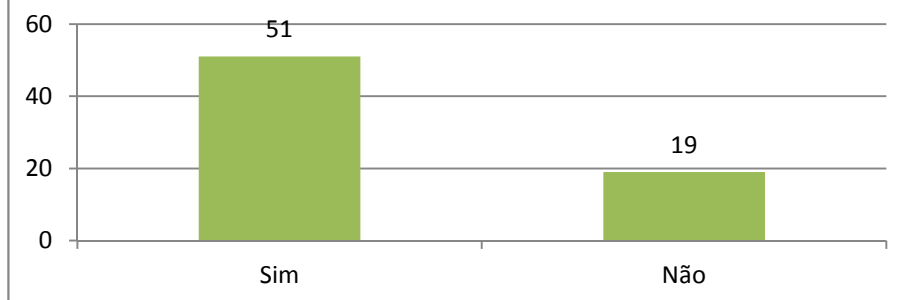


Gráfico 4 - Pertinência temática escolhida

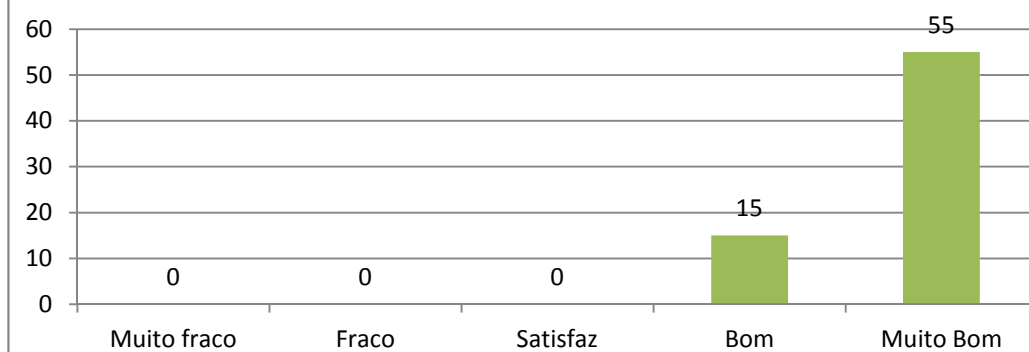


Gráfico 5 - Programa

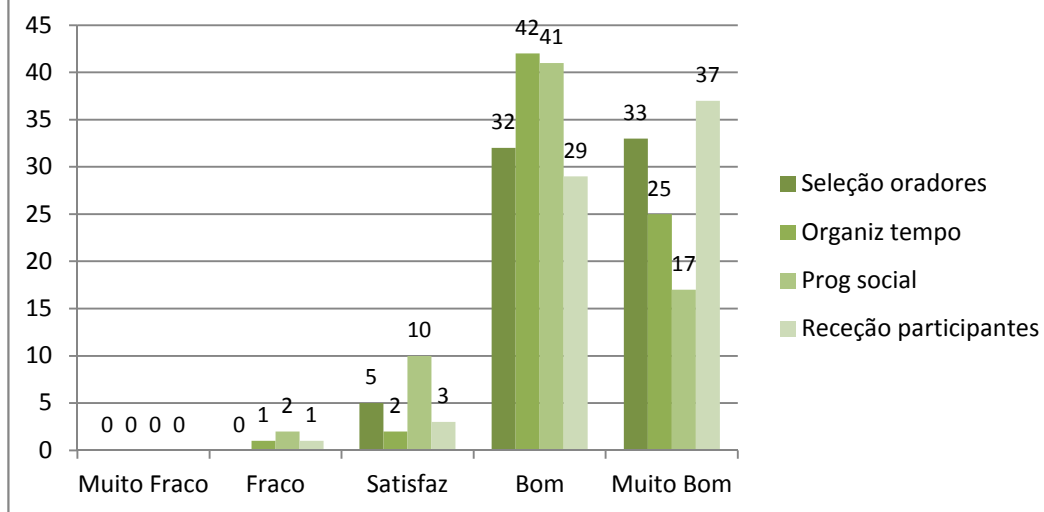
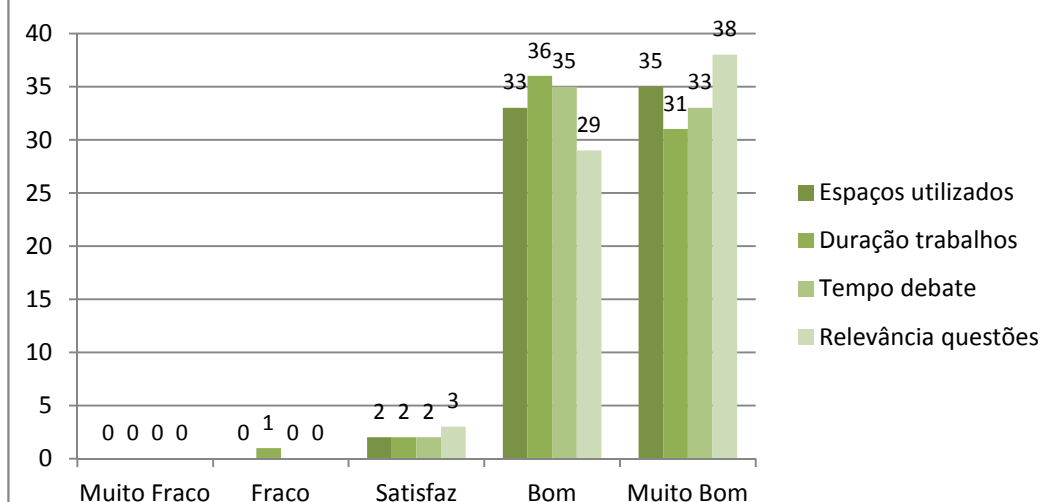
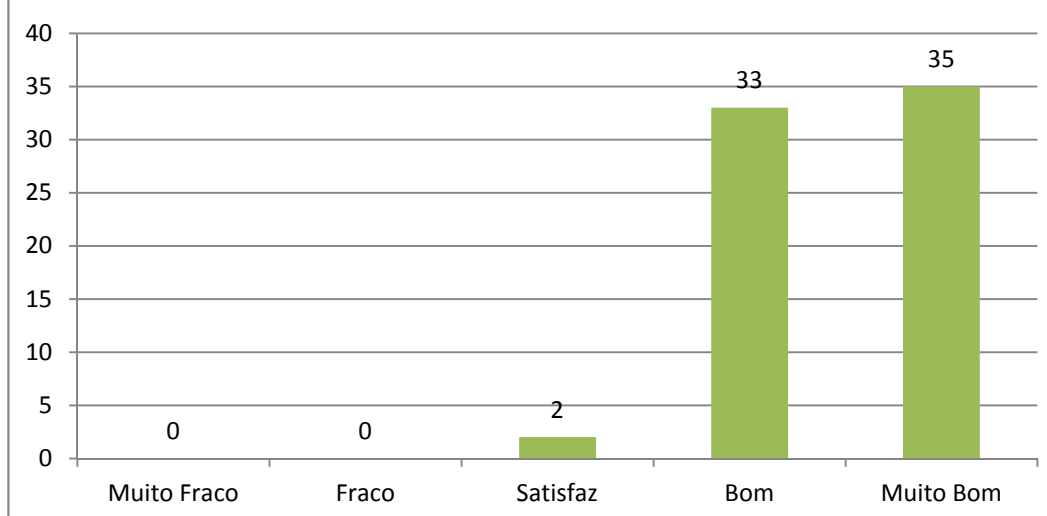


Gráfico 6 - Organização

Gráfico 7 - Avaliação global seminário


Foram propostas as seguintes sugestões pelos participantes para os próximos seminários:

- Necessidade de se retomar a temática deste seminário pela sua relevância;
- Abordagem da temática “Prática diferenciada em sala de aula”;
- Maior cuidado na seleção dos relatores dos workshops (segundo um participante, a síntese do workshop 3 não contemplou uma das apresentações aí realizada).

ANEXOS

Anexo ao presente relatório:

-Doc. 1 – Resumo da Comunicação feita no Workshop 2, Planeamento e Gestão de Ofertas Profissionalizantes, pelos Professores Miguela Gomes Fernandes e Paulo José Fernandes do Agrupamento de Escolas da Batalha;

-Doc. 2 – Apresentação no Workshop 2, Planeamento e Gestão de Ofertas Profissionalizantes dos Percursos Vocacionais Alternativos, pelos Professores da Escola Básica e Secundária da Batalha, Agrupamento de Escolas da Batalha, Miguela Gomes Fernandes e Paulo José Fernandes.

XI Seminário ESCXEL – ES Camilo Castelo Branco – Oeiras

Percursos Vocacionais Alternativos

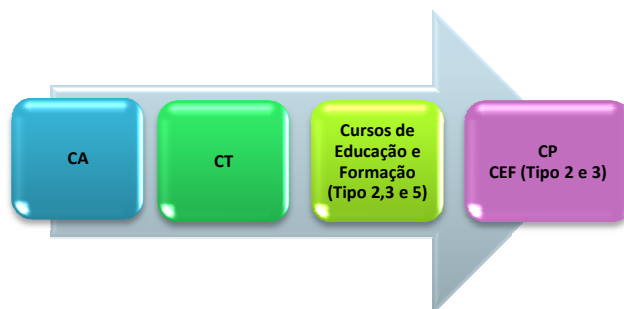
25 e 26 de Outubro de 2012

Workshop 2 – “Planeamento e gestão de ofertas profissionalizantes”

Resumo da comunicação feita pelos professores Miguela Gomes Fernandes e Paulo José Portugal, do Agrupamento de Escolas da Batalha

Os tópicos da intervenção centraram-se na origem dos cursos existentes no Agrupamento, na oferta formativa actual, na articulação com o tecido empresarial da região e nas diferenças que existem entre as escolas dos grandes centros urbanos e da periferia.

A origem dos cursos prendeu-se, inicialmente, com a criação dos currículos alternativos (CA), e também posteriormente com os alunos que integraram os CEF, com o desajustamento que era patente face ao currículo do ensino regular. Os alunos que integraram os CEF eram alunos em risco de abandono escolar, sendo este percurso um reintegração social e em termos de mercado de trabalho uma oportunidade de se sentirem realizados, concluindo assim a escolaridade obrigatória. Foram potenciados os recursos materiais e humanos que existiam na escola para ministrar os mesmos. Muito dos alunos reconhecem hoje que estas ofertas profissionalizantes lhes mudaram a vida os integrando socialmente e dando-lhes a ferramentas necessárias para serem profissionais de sucesso. As finalidades subjacentes à origem dos cursos foram, então, evitar o abandono escolar, integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem, desenvolver o mínimo de competências básicas para viver em sociedade e integrar o mercado de trabalho.



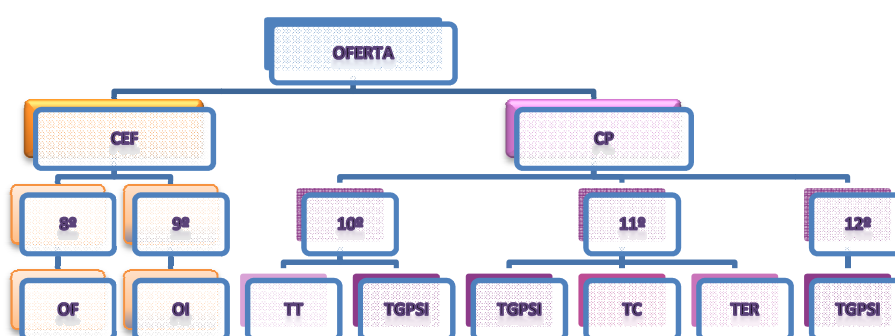
Os CA foram a primeira iniciativa tomada com vista a integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem e em risco de abandono escolar, fazendo que com que eles desenvolvessem o mínimo de competências básicas para viver em sociedade e integrar o mercado de trabalho. Não podemos, todavia, encarar esta integração social dos alunos com dificuldades de aprendizagem numa perspetiva redutora, i.e., nem todos os alunos com dificuldades de aprendizagem necessitavam de integração social, e nem só alunos com dificuldades de aprendizagem integram os cursos profissionais.

A mudança de oferta profissionalizante que os cursos profissionais vieram trazer resultou da mudança da legislação. O primeiro curso profissional (CP) a abrir foi o TGPSI por uma questão de cultura de escola e o facto desta ser um polo aglutinador da região na área de informática, como acontecia quando funcionava o Curso Tecnológico (CT) de Informática.

Há medida que o tempo passou novos cursos profissionais surgiram atendendo aos interesse dos alunos e às necessidades do tecido empresarial da região. Nesta região predominam as micro, pequenas e médias empresas onde ultimamente têm surgido empresas novas na área da energias renováveis.

A origem dos cursos está relacionada com a evolução tecnológica devido à sua participação nos projetos Minerva e Nónio Séc. XXI. Tínhamos recursos e condições materiais e humanos, para além de haver uma forte apetência dos alunos para esta área, bem como a necessidade de formação no mercado empresarial da região. A formação dos alunos que frequentaram o Curso Tecnológico de Informática durante o seu período de vigência foi considerada óptima, sendo que os mesmos prosseguiram os seus estudo no ensino superior, nomeadamente no Instituto Superior Técnico (IST), Universidade de Aveiro e Instituto Politécnico de Leiria (IPL).

A oferta formativa actual pode ser esquematizada da seguinte forma:



em que os cursos CEF de tipo 2 e 3 são, respectivamente, Operador de Fotografia (OF) e Operador de Informática (OI), os cursos profissionais a iniciar no 10º ano (1º ano) são Técnico de Turismo (TT) e Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos (TGPSI), o qual tem continuidade no 11º ano (2º ano) e no 12º ano (3º ano). No 11º ano (2º ano) têm continuação os cursos profissionais de Técnico de Comércio (TC) e Técnico de Energias Renováveis (TER). A formação destes alunos deve ser virada para o saber fazer, dado que as empresas necessitam de recursos humanos que resolvam problemas e forneçam respostas rápidas.

O peso dos alunos que ao nível do 3º CEB frequentou cursos CEF cifrou-se, em média, nos últimos 4 anos lectivos, nos 9,7%. Ao nível do Ensino Secundário, contemplando os cursos do Ensino Profissional e os cursos EFA, esse peso foi de 40,4%, em média.

É política corrente realizar uma sondagem prévia da oferta formativa. A oferta formativa resulta dos inquéritos aplicados aos alunos pelo psicólogo da escola, no 9º ano, para o caso dos cursos profissionais, e nos 7º e 8º anos, para o caso dos CEF, de acordo com as apetências dos alunos. Existe igualmente uma prospecção do tecido empresarial da região: concelhos da Batalha, Leiria e Porto de Mós.

Muitas empresas preferem os alunos da nossa escola em detrimento de alunos de outras escolas, devido à sua formação técnica e capacidade de relacionamento, no período de formação em contexto de trabalho. A escola tem também como oferta formativa a certificação da Cisco Systems, que proporciona aos alunos um nível de competências na área das redes informáticas acima da média, o que os tem levado a prosseguir estudos, nomeadamente, a realizar cursos CET e, posteriormente, estudos de nível superior.

A articulação com o tecido empresarial da região (concelhos da Batalha, Porto de Mós e Leiria) tem passado pela solicitação de um parecer acerca da possibilidade e pertinência da escola abrir os referidos cursos, sendo esse parecer favorável e mostrando receptividade à integração futura de alunos nas empresas. A escola tem igualmente estabelecido contactos com o Núcleo Empresarial da Região de Leiria (NERLEI) no sentido da realização de um levantamento junto das empresas da região sobre a adequação da oferta profissionalizante da nossa escola face à evolução do mercado de trabalho.

O feedback das empresas da região releva a planificação atempada e trabalho metódico, como elaboração de protocolos, visitas às empresas, convites para as sessões de júri, ou seja todo o processo necessário à oferta formativa. Assim, algumas empresas mostram-se abertas à contratação dos nossos alunos, após a formação em contexto de trabalho.

Relativamente ao presente ano letivo acabámos por ficar condicionados em termos de oferta profissionalizante dos cursos profissionais a um número limitado de cursos. No entanto, a prioridade dos nossos alunos centrou-se nos cursos de Turismo e TGPSI, ano nível do 1º ano.

A articulação com o tecido empresarial da região passa por 3 fases. Numa 1ª fase são feitos contactos telefónicos com as empresas da região e enviados *emails*, bem como são efectuadas visitas às várias empresas por parte dos Directores de Curso e professores acompanhantes da formação em contexto de trabalho (FCT). Numa 2ª fase, procede-se ao levantamento das necessidades das empresas em termos de recursos humanos e do trabalho que estes terão de desempenhar. No seguimento deste levantamento, as disciplinas da área técnica articulam os conteúdos, linguagens, ferramentas de trabalho, que vão ao encontro das necessidades das empresas, entre outras. Na 3ª fase ocorre a selecção dos alunos de acordo com o perfil necessário para enquadrar a equipa de trabalho de cada uma das empresas. São também realizadas visitas prévias às empresas com os alunos que irão aí realizar a formação em contexto de trabalho, para que estes se possam familiarizar com as mesmas.

A escola neste momento tem protocolos estabelecidos com várias empresas até 2014.

As diferenças entre as escolas dos grandes centros urbanos e as escolas de periferia prendem-se, sobretudo com o facto de nos grandes centros urbanos existir uma maior diversidade de empresas, e consequentemente uma maior oferta em termos de emprego (a partir da realização da FCT). A quota de mercado que os grandes centros urbanos têm é maior, onde a formação em contexto de trabalho, e eventualmente oferta de emprego, é mais fácil, permitindo às escolas terem ofertas formativas mais diversificadas e que se enquadrem na maior diversidade de empresas existentes na sua área urbana.

A nossa escola é uma escola de periferia face ao centro urbano de Leiria. O tecido empresarial do concelho da Batalha já não é predominantemente industrial, nem esta região tão-pouco pode ser considerada de grande prevalência de actividade agrícola. O tecido empresarial está actualmente virado para o sector terciário.

A nossa escola está inserida num meio pequeno, que por sua vez está próximo de outro meio pequeno (Porto de Mós), que também tem uma oferta profissionalizante, a qual apesar de ter vindo a ser articulada com a nossa, evitando sobreposições, não invalida que a formação em contexto de trabalho não seja nas mesmas empresas, o que nos faz pensar na qualidade do ensino dos nossos alunos como factor diferenciante na escolha que as empresas fazem na integração dos alunos na FCT. Neste momento os nossos alunos têm uma procura muito significativa por parte das empresas da região, o que implicou a constituição de 2 momentos distintos para a formação em contexto de trabalho.

Nas escolas de periferia é mais difícil implementar os eixos de prioridades em termos de cursos e as regras de constituição de turmas podem tornar inviável a abertura de cursos profissionais. Para avançar em cursos profissionais, de acordo com os eixos prioritários, é em muitos casos necessário um investimento de raiz muito elevado, sem falar dos recursos humanos especializados para implementação dos mesmos.

A oferta da escola foi de certa maneira imposta, uma vez que não temos de facto o total de cursos que gostaríamos. Quem escolhe os cursos para as escolas, que conhecimento tem da realidade das mesmas e dos meios nos quais elas estão inseridas?

As escolas da periferia concorrem com as dos grandes centros urbanos com as mesmas regras de constituição de turmas, i.e., será razoável que o nº de alunos por turma para dar início a um curso seja o mesmo?

Todavia, e apesar do progresso relevante que existiu ao longo dos últimos anos no que concerne ao funcionamento destes cursos, a taxa de conclusão dos mesmos é manifestamente baixa, não só a nível nacional, como a nível de escola. A taxa de conclusão dos cursos profissionais na nossa escola está abaixo do expectável e desejável, apesar de todo o trabalho desenvolvido. O investimento que é feito num aluno que frequenta o Ensino Profissional é muito elevado e deveria traduzir-se numa taxa de sucesso muito superior à presente. Muitos alunos, num universo de mais de uma centena de módulos, chegam ao final do 3º ano sem sucesso a 2, 3 ou 4 módulos, muitas vezes tendo realizado a FCT e a PAP com boas classificações, acabando por ficar sem o curso concluído.

O currículo das disciplinas da formação geral deveria ser direccionado para uma vertente mais prática e contextualizado nas necessidades empresariais, e tem de ter em conta o perfil dos alunos, que é diferente dos alunos dos Cursos Científico-Humanísticos (CCH).

É importante que os professores modifiquem as suas estratégias de ensino para uma formação essencialmente prática, virada para os problemas do dia-a-dia, dado que são alunos de cursos vocacionais.

FIM



Percursos Vocacionais Alternativos

MIGUELA FERNANDES - miguela@sapo.pt

PAULO PORTUGAL - piportugal@sapo.pt

OEIRAS, 26 DE OUTUBRO DE 2012



Escola Básica e Secundária da Batalha

Tópicos



Origem cursos

- Finalidades
- Informática



Oferta formativa



Articulação com o tecido empresarial

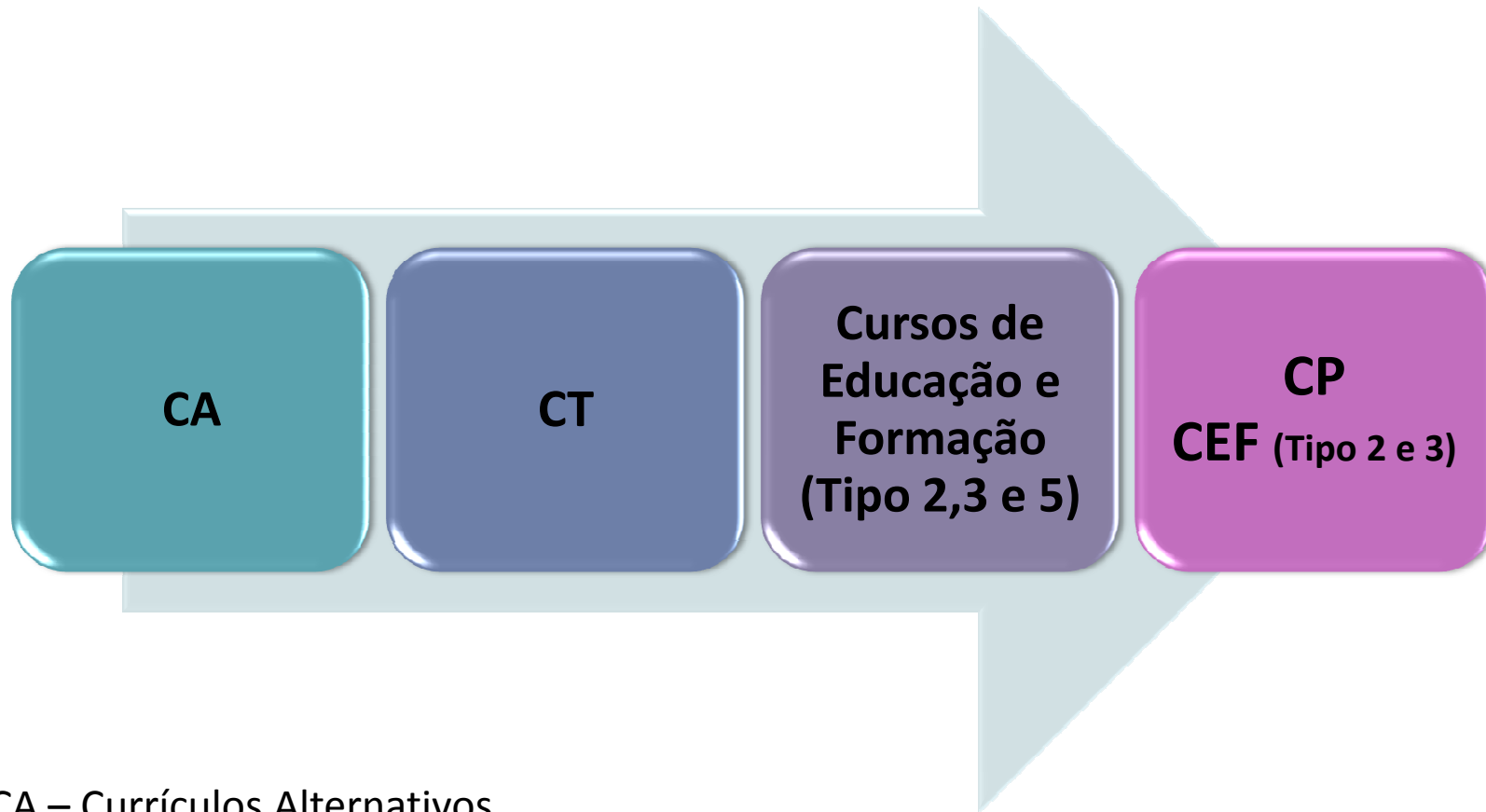
- Fases



Diferenças entre a periferia e os grandes centros



Origem dos cursos



CA – Currículos Alternativos

CT – Cursos Tecnológicos

CP – Cursos Profissionais

Origem dos cursos: **Finalidades**

- 👉 **Evitar abandono escolar**
- 👉 **Integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem**
- 👉 **Desenvolver o mínimo de competências básicas para viver em sociedade**
- 👉 **Integrar o mercado de trabalho**



Origem dos cursos: **Informática**

👉 **Evolução tecnológica da escola:**

- Projeto Minerva
- Nónio Século XXI

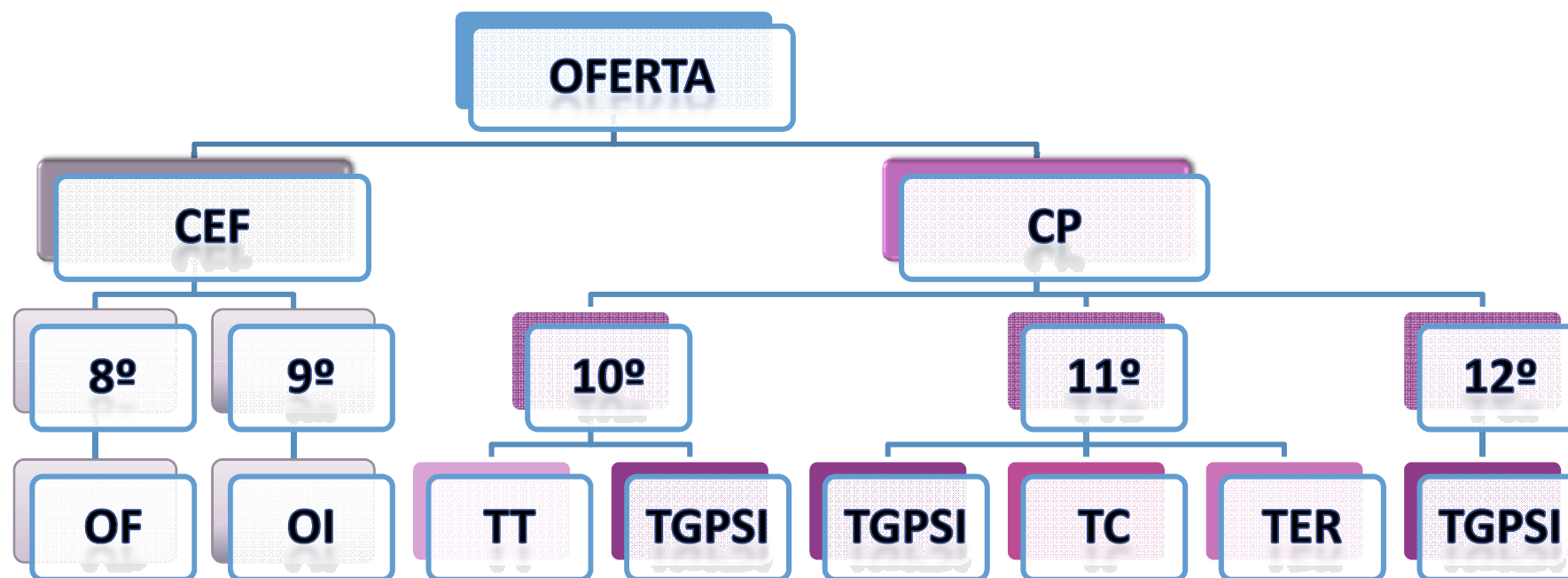
👉 **Recursos, condições materiais e humanos**

👉 **Forte apetência dos alunos para esta área**

👉 **Necessidade de formação no tecido empresarial da região.**



Oferta formativa (1)



OF – Operador de Fotografia

OI – Operador de Informática

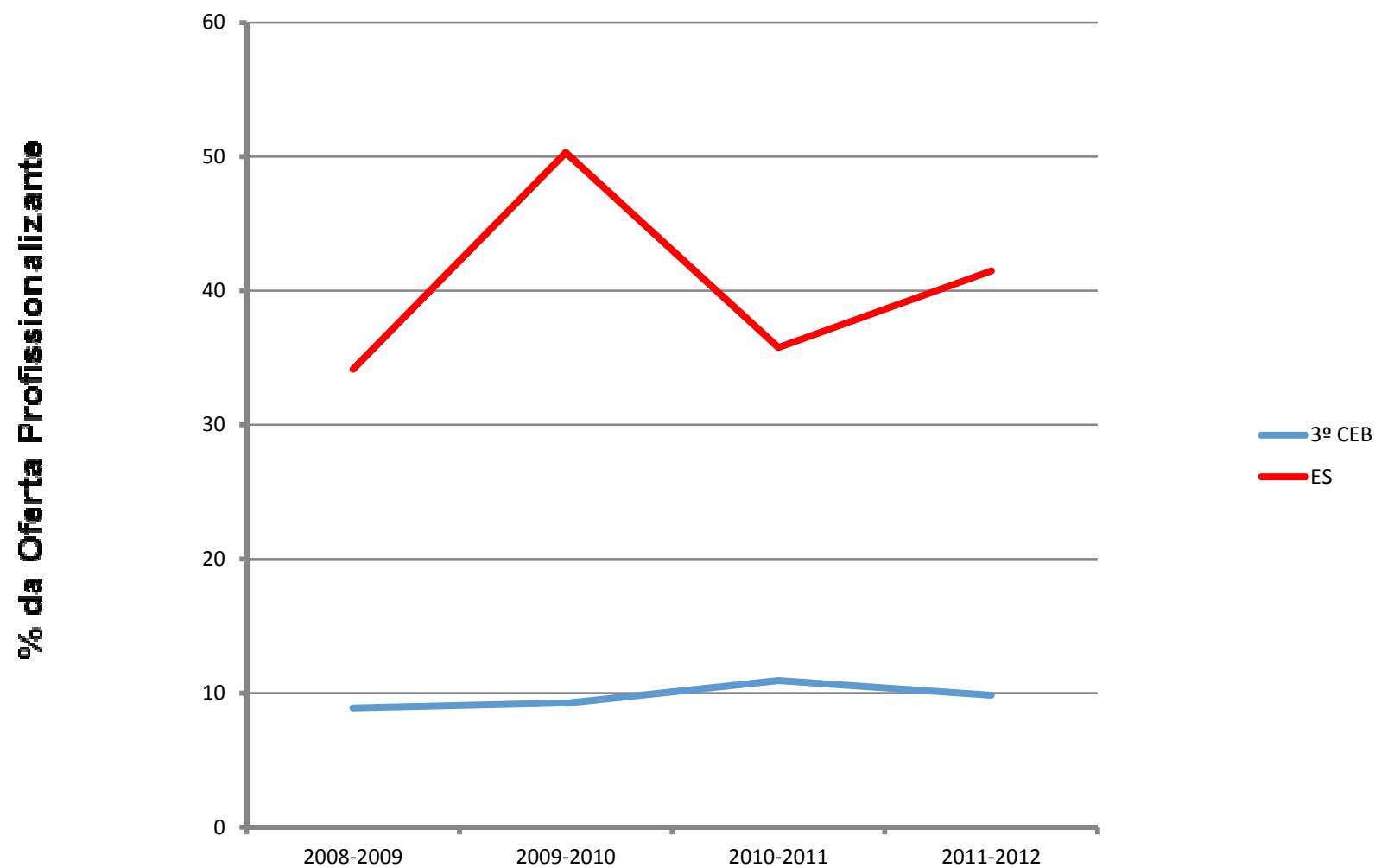
TT – Técnico de Turismo

TGPSI – Técnico de Programação e Sistemas Informáticos

TC – Técnico de Comércio

TER – Técnico de Energias Renováveis

Impacto da oferta formativa



Sondagem da oferta formativa

- 👉 **Inquéritos aplicados aos alunos pelo psicólogo da escola, no 9º ano, para o caso dos cursos profissionais, e no 7º e 8º anos para o caso dos CEF, de acordo com as apetências dos alunos**
- 👉 **Há uma prospeção do tecido empresarial da região: concelho da Batalha, Leiria e Porto de Mós**

Articulação com mercado empresarial

- ➡ **Solicitando um parecer acerca da possibilidade e pertinência da escola abrir os referidos cursos, sendo o parecer favorável e mostrando-se recetivos à sua integração futura na empresa**
- ➡ **Contactos com o NERLEI**



Articulação com mercado empresarial: Fases

1ª fase:

- Contactos telefónicos / emails / visita às empresas

2ª fase:

- levantamento das necessidades das empresas
- Disciplinas da área técnica articulam os conteúdos, linguagens, ferramentas de trabalho, entre outras.

3ª fase:

- Seleção dos alunos de acordo com o perfil
- Visitas prévias às empresas com os alunos



Diferenças entre a periferia e grandes centros

- ➡ **Menor diversidade de empresas**
- ➡ **Menos oferta em termos de emprego (FCT)**
- ➡ **É difícil implementar os eixos de prioridades em termos de cursos**
- ➡ **Regras de constituição de turmas**



Conclusões

👉 Taxa de conclusão

- O currículo das disciplinas da formação geral deveria ser direcionado para uma vertente mais prática e contextualizado nas necessidades empresariais, e tem de ter em conta o perfil dos alunos, que é diferente dos alunos dos CCH
- É importante que os professores modifiquem as suas estratégias de ensino para uma formação essencialmente prática, virada para os problemas do dia-a-dia, dado que são alunos de cursos vocacionais



Obrigada pela atenção



XI Seminário ESCXEL – ES Camilo Castelo Branco – Oeiras

Percursos Vocacionais Alternativos

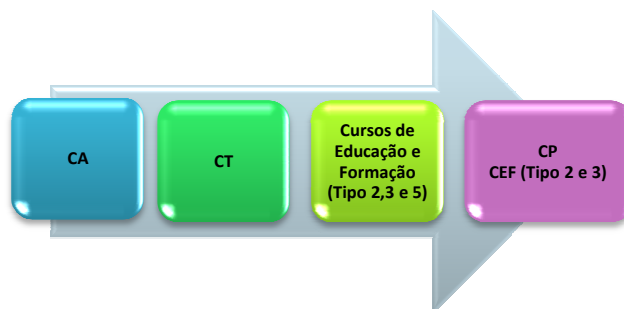
25 e 26 de Outubro de 2012

Workshop 2 – “Planeamento e gestão de ofertas profissionalizantes”

Resumo da comunicação feita pelos professores Miguela Gomes Fernandes e Paulo José Portugal, do Agrupamento de Escolas da Batalha

Os tópicos da intervenção centraram-se na origem dos cursos existentes no Agrupamento, na oferta formativa actual, na articulação com o tecido empresarial da região e nas diferenças que existem entre as escolas dos grandes centros urbanos e da periferia.

A origem dos cursos prendeu-se, inicialmente, com a criação dos currículos alternativos (CA), e também posteriormente com os alunos que integraram os CEF, com o desajustamento que era patente face ao currículo do ensino regular. Os alunos que integraram os CEF eram alunos em risco de abandono escolar, sendo este percurso um reintegração social e em termos de mercado de trabalho uma oportunidade de se sentirem realizados, concluindo assim a escolaridade obrigatória. Foram potenciados os recursos materiais e humanos que existiam na escola para ministrar os mesmos. Muito dos alunos reconhecem hoje que estas ofertas profissionalizantes lhes mudaram a vida os integrando socialmente e dando-lhes a ferramentas necessárias para serem profissionais de sucesso. As finalidades subjacentes à origem dos cursos foram, então, evitar o abandono escolar, integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem, desenvolver o mínimo de competências básicas para viver em sociedade e integrar o mercado de trabalho.



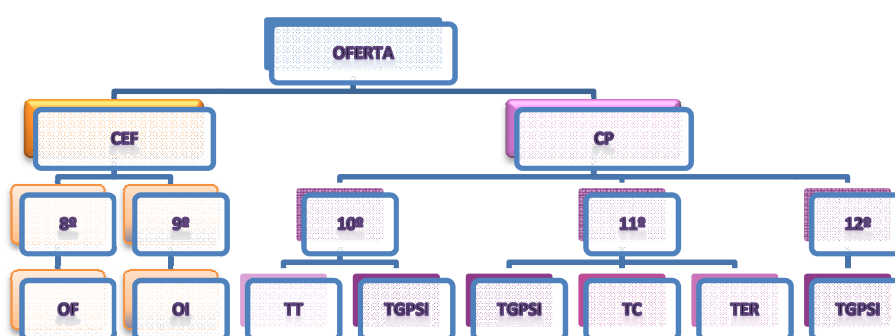
Os CA foram a primeira iniciativa tomada com vista a integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem e em risco de abandono escolar, fazendo que com que eles desenvolvessem o mínimo de competências básicas para viver em sociedade e integrar o mercado de trabalho. Não podemos, todavia, encarar esta integração social dos alunos com dificuldades de aprendizagem numa perspetiva redutora, i.e., nem todos os alunos com dificuldades de aprendizagem necessitavam de integração social, e nem só alunos com dificuldades de aprendizagem integram os cursos profissionais.

A mudança de oferta profissionalizante que os cursos profissionais vieram trazer resultou da mudança da legislação. O primeiro curso profissional (CP) a abrir foi o TGPSI por uma questão de cultura de escola e o facto desta ser um polo aglutinador da região na área de informática, como acontecia quando funcionava o Curso Tecnológico (CT) de Informática.

Há medida que o tempo passou novos cursos profissionais surgiram atendendo aos interesse dos alunos e às necessidades do tecido empresarial da região. Nesta região predominam as micro, pequenas e médias empresas onde ultimamente têm surgido empresas novas na área da energias renováveis.

A origem dos cursos está relacionada com a evolução tecnológica devido à sua participação nos projetos Minerva e Nónio Séc. XXI. Tínhamos recursos e condições materiais e humanos, para além de haver uma forte apetência dos alunos para esta área, bem como a necessidade de formação no mercado empresarial da região. A formação dos alunos que frequentaram o Curso Tecnológico de Informática durante o seu período de vigência foi considerada óptima, sendo que os mesmos prosseguiram os seus estudo no ensino superior, nomeadamente no Instituto Superior Técnico (IST), Universidade de Aveiro e Instituto Politécnico de Leiria (IPL).

A oferta formativa actual pode ser esquematizada da seguinte forma:



em que os cursos CEF de tipo 2 e 3 são, respectivamente, Operador de Fotografia (OF) e Operador de Informática (OI), os cursos profissionais a iniciar no 10º ano (1º ano) são Técnico de Turismo (TT) e Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos (TGPSI), o qual tem continuidade no 11º ano (2º ano) e no 12º ano (3º ano). No 11º ano (2º ano) têm continuação os cursos profissionais de Técnico de Comércio (TC) e Técnico de Energias Renováveis (TER). A formação destes alunos deve ser virada para o saber fazer, dado que as empresas necessitam de recursos humanos que resolvam problemas e forneçam respostas rápidas.

O peso dos alunos que ao nível do 3º CEB frequentou cursos CEF cifrou-se, em média, nos últimos 4 anos lectivos, nos 9,7%. Ao nível do Ensino Secundário, contemplando os cursos do Ensino Profissional e os cursos EFA, esse peso foi de 40,4%, em média.

É política corrente realizar uma sondagem prévia da oferta formativa. A oferta formativa resulta dos inquéritos aplicados aos alunos pelo psicólogo da escola, no 9º ano, para o caso dos cursos profissionais, e nos 7º e 8º anos, para o caso dos CEF, de acordo com as apetências dos alunos. Existe igualmente uma prospecção do tecido empresarial da região: concelhos da Batalha, Leiria e Porto de Mós.

Muitas empresas preferem os alunos da nossa escola em detrimento de alunos de outras escolas, devido à sua formação técnica e capacidade de relacionamento, no período de formação em contexto de trabalho. A escola tem também como oferta formativa a certificação da Cisco Systems, que proporciona aos alunos um nível de competências na área das redes informáticas acima da média, o que os tem levado a prosseguir estudos, nomeadamente, a realizar cursos CET e, posteriormente, estudos de nível superior.

A articulação com o tecido empresarial da região (concelhos da Batalha, Porto de Mós e Leiria) tem passado pela solicitação de um parecer acerca da possibilidade e pertinência da escola abrir os referidos cursos, sendo esse parecer favorável e mostrando receptividade à integração futura de alunos nas empresas. A escola tem igualmente estabelecido contactos com o Núcleo Empresarial da Região de Leiria (NERLEI) no sentido da realização de um levantamento junto das empresas da região sobre a adequação da oferta profissionalizante da nossa escola face à evolução do mercado de trabalho.

O feedback das empresas da região releva a planificação atempada e trabalho metódico, como elaboração de protocolos, visitas às empresas, convites para as sessões de júri, ou seja todo o processo necessário à oferta formativa. Assim, algumas empresas mostram-se abertas à contratação dos nossos alunos, após a formação em contexto de trabalho.

Relativamente ao presente ano letivo acabámos por ficar condicionados em termos de oferta profissionalizante dos cursos profissionais a um número limitado de cursos. No entanto, a prioridade dos nossos alunos centrou-se nos cursos de Turismo e TGPSI, ano nível do 1º ano.

A articulação com o tecido empresarial da região passa por 3 fases. Numa 1ª fase são feitos contactos telefónicos com as empresas da região e enviados *emails*, bem como são efectuadas visitas às várias empresas por parte dos Directores de Curso e professores acompanhantes da formação em contexto de trabalho (FCT). Numa 2ª fase, procede-se ao levantamento das necessidades das empresas em termos de recursos humanos e do trabalho que estes terão de desempenhar. No seguimento deste levantamento, as disciplinas da área técnica articulam os conteúdos, linguagens, ferramentas de trabalho, que vão ao encontro das necessidades das empresas, entre outras. Na 3ª fase ocorre a selecção dos alunos de acordo com o perfil necessário para enquadrar a equipa de trabalho de cada uma das empresas. São também realizadas visitas prévias às empresas com os alunos que irão aí realizar a formação em contexto de trabalho, para que estes se possam familiarizar com as mesmas.

A escola neste momento tem protocolos estabelecidos com várias empresas até 2014.

As diferenças entre as escolas dos grandes centros urbanos e as escolas de periferia prendem-se, sobretudo com o facto de nos grandes centros urbanos existir uma maior diversidade de empresas, e consequentemente uma maior oferta em termos de emprego (a partir da realização da FCT). A quota de mercado que os grandes centros urbanos têm é maior, onde a formação em contexto de trabalho, e eventualmente oferta de emprego, é mais fácil, permitindo às escolas terem ofertas formativas mais diversificadas e que se enquadrem na maior diversidade de empresas existentes na sua área urbana.

A nossa escola é uma escola de periferia face ao centro urbano de Leiria. O tecido empresarial do concelho da Batalha já não é predominantemente industrial, nem esta região tão-pouco pode ser considerada de grande prevalência de actividade agrícola. O tecido empresarial está actualmente virado para o sector terciário.

A nossa escola está inserida num meio pequeno, que por sua vez está próximo de outro meio pequeno (Porto de Mós), que também tem uma oferta profissionalizante, a qual apesar de ter vindo a ser articulada com a nossa, evitando sobreposições, não invalida que a formação em contexto de trabalho não seja nas mesmas empresas, o que nos faz pensar na qualidade do ensino dos nossos alunos como factor diferenciante na escolha que as empresas fazem na integração dos alunos na FCT. Neste momento os nossos alunos têm uma procura muito significativa por parte das empresas da região, o que implicou a constituição de 2 momentos distintos para a formação em contexto de trabalho.

Nas escolas de periferia é mais difícil implementar os eixos de prioridades em termos de cursos e as regras de constituição de turmas podem tornar inviável a abertura de cursos profissionais. Para avançar em cursos profissionais, de acordo com os eixos prioritários, é em muitos casos necessário um investimento de raiz muito elevado, sem falar dos recursos humanos especializados para implementação dos mesmos.

A oferta da escola foi de certa maneira imposta, uma vez que não temos de facto o total de cursos que gostaríamos. Quem escolhe os cursos para as escolas, que conhecimento tem da realidade das mesmas e dos meios nos quais elas estão inseridas?

As escolas da periferia concorrem com as dos grandes centros urbanos com as mesmas regras de constituição de turmas, i.e., será razoável que o nº de alunos por turma para dar início a um curso seja o mesmo?

Todavia, e apesar do progresso relevante que existiu ao longo dos últimos anos no que concerne ao funcionamento destes cursos, a taxa de conclusão dos mesmos é manifestamente baixa, não só a nível nacional, como a nível de escola. A taxa de conclusão dos cursos profissionais na nossa escola está abaixo do expectável e desejável, apesar de todo o trabalho desenvolvido. O investimento que é feito num aluno que frequenta o Ensino Profissional é muito elevado e deveria traduzir-se numa taxa de sucesso muito superior à presente. Muitos alunos, num universo de mais de uma centena de módulos, chegam ao final do 3º ano sem sucesso a 2, 3 ou 4 módulos, muitas vezes tendo realizado a FCT e a PAP com boas classificações, acabando por ficar sem o curso concluído.

O currículo das disciplinas da formação geral deveria ser direccionado para uma vertente mais prática e contextualizado nas necessidades empresariais, e tem de ter em conta o perfil dos alunos, que é diferente dos alunos dos Cursos Científico-Humanísticos (CCH).

É importante que os professores modifiquem as suas estratégias de ensino para uma formação essencialmente prática, virada para os problemas do dia-a-dia, dado que são alunos de cursos vocacionais.

FIM



Percursos Vocacionais Alternativos

MIGUELA FERNANDES - miguela@sapo.pt

PAULO PORTUGAL - piportugal@sapo.pt

OEIRAS, 26 DE OUTUBRO DE 2012



Escola Básica e Secundária da Batalha

Tópicos



Origem cursos

- Finalidades
- Informática



Oferta formativa



Articulação com o tecido empresarial

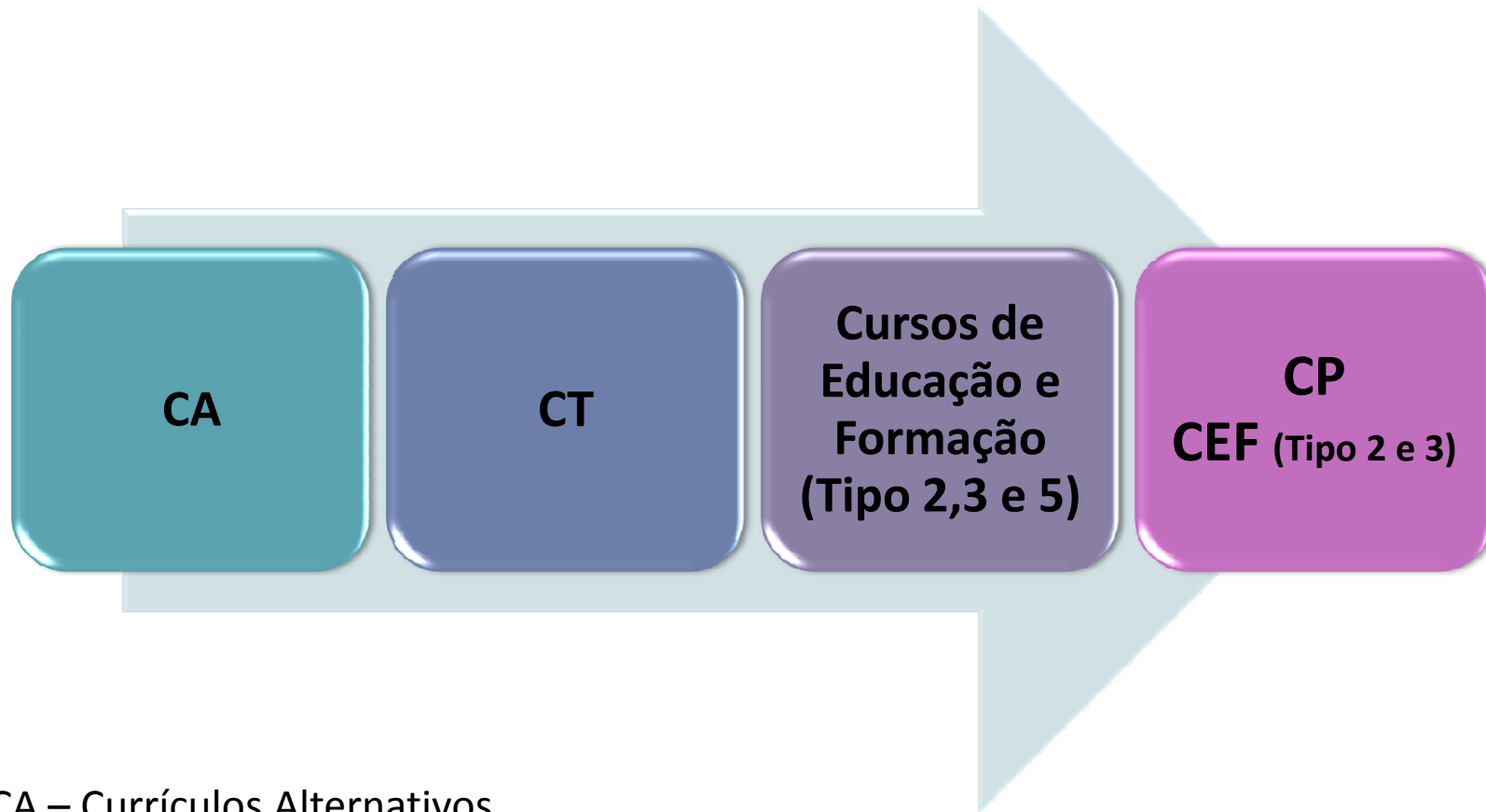
- Fases



Diferenças entre a periferia e os grandes centros



Origem dos cursos



CA – Currículos Alternativos

CT – Cursos Tecnológicos

CP – Cursos Profissionais

Origem dos cursos: **Finalidades**

- 👉 **Evitar abandono escolar**
- 👉 **Integrar socialmente os alunos com dificuldades de aprendizagem**
- 👉 **Desenvolver o mínimo de competências básicas para viver em sociedade**
- 👉 **Integrar o mercado de trabalho**



Origem dos cursos: **Informática**

👉 **Evolução tecnológica da escola:**

- Projeto Minerva
- Nónio Século XXI

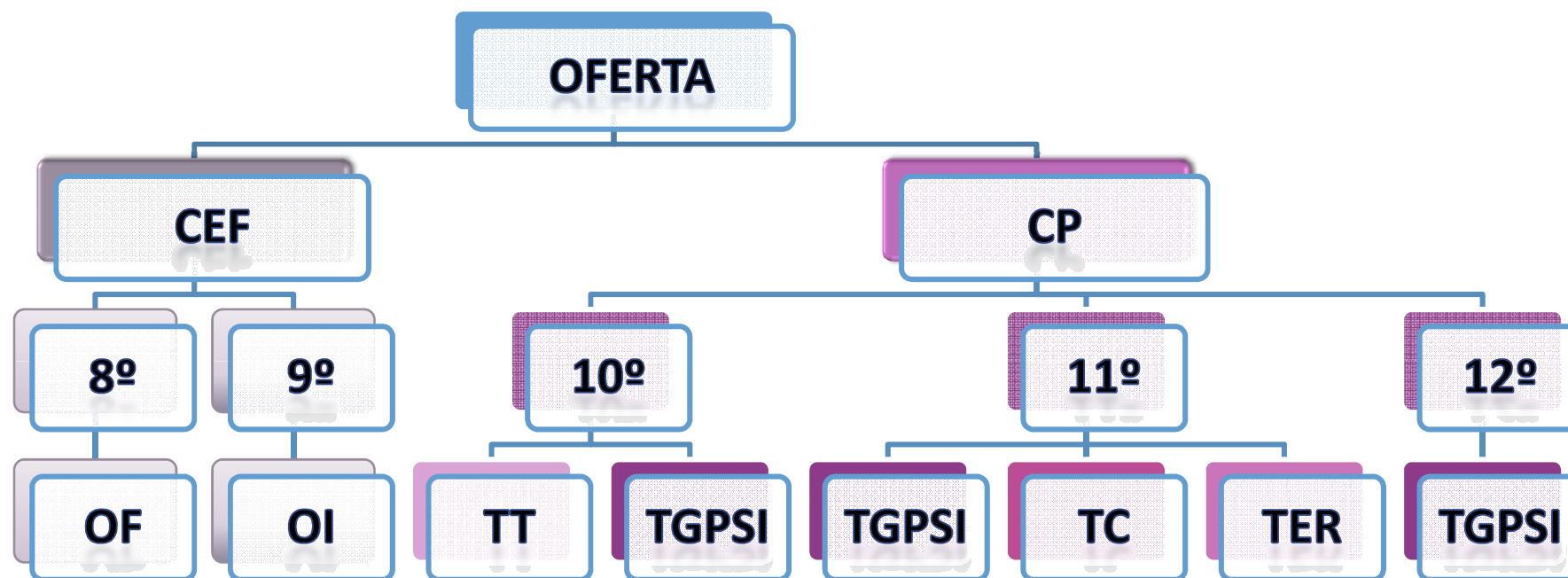
👉 **Recursos, condições materiais e humanos**

👉 **Forte apetência dos alunos para esta área**

👉 **Necessidade de formação no tecido empresarial da região.**



Oferta formativa (1)



OF – Operador de Fotografia

OI – Operador de Informática

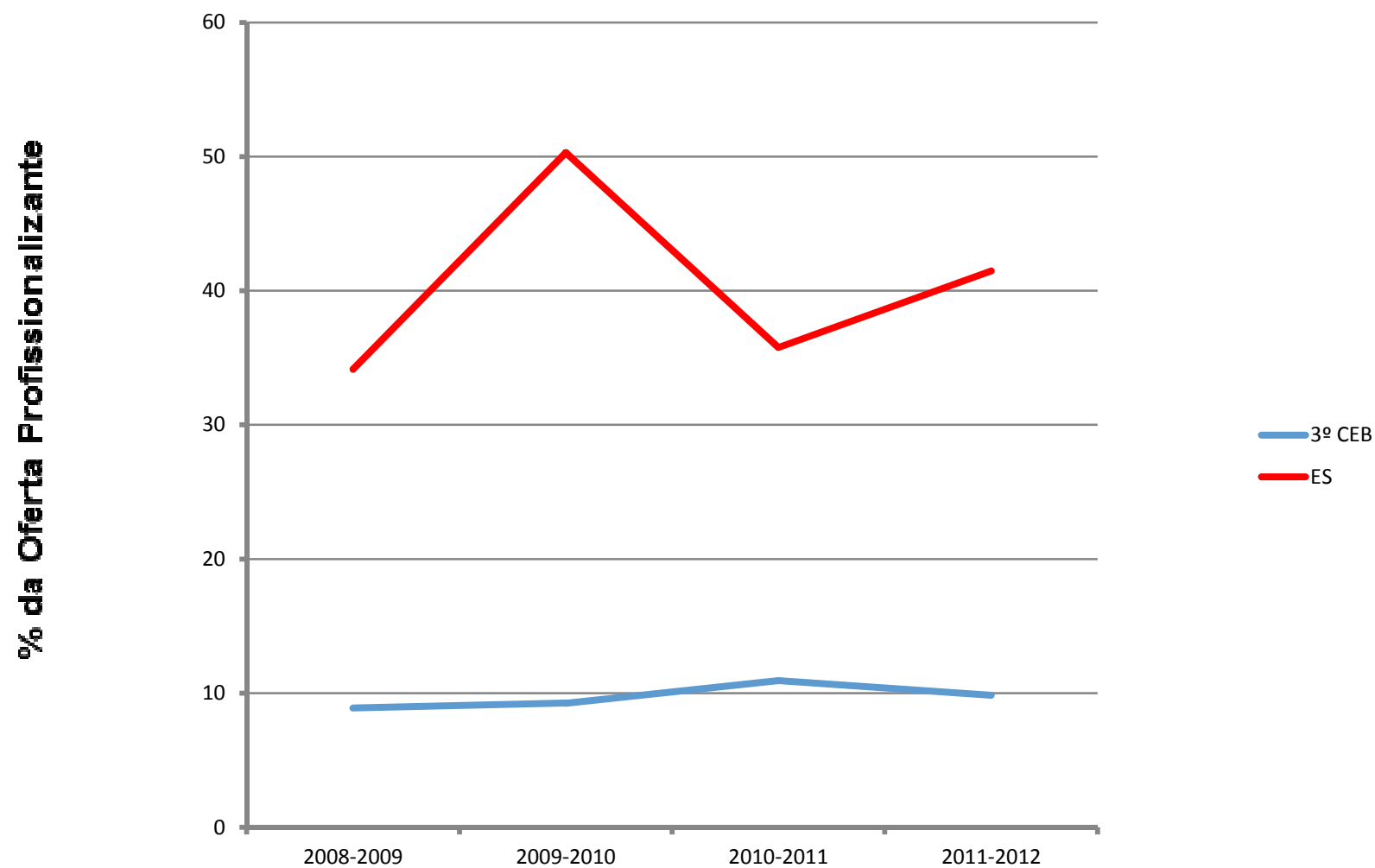
TT – Técnico de Turismo

TGPSI – Técnico de Programação e Sistemas Informáticos

TC – Técnico de Comércio

TER – Técnico de Energias Renováveis

Impacto da oferta formativa



Sondagem da oferta formativa

- 👉 **Inquéritos aplicados aos alunos pelo psicólogo da escola, no 9º ano, para o caso dos cursos profissionais, e no 7º e 8º anos para o caso dos CEF, de acordo com as apetências dos alunos**
- 👉 **Há uma prospeção do tecido empresarial da região: concelho da Batalha, Leiria e Porto de Mós**



Articulação com mercado empresarial

- ➡ **Solicitando um parecer acerca da possibilidade e pertinência da escola abrir os referidos cursos, sendo o parecer favorável e mostrando-se recetivos à sua integração futura na empresa**
- ➡ **Contactos com o NERLEI**



Articulação com mercado empresarial: Fases

1ª fase:

- Contactos telefónicos / emails / visita às empresas

2ª fase:

- levantamento das necessidades das empresas
- Disciplinas da área técnica articulam os conteúdos, linguagens, ferramentas de trabalho, entre outras.

3ª fase:

- Seleção dos alunos de acordo com o perfil
- Visitas prévias às empresas com os alunos



Diferenças entre a periferia e grandes centros

- ➡ **Menor diversidade de empresas**
- ➡ **Menos oferta em termos de emprego (FCT)**
- ➡ **É difícil implementar os eixos de prioridades em termos de cursos**
- ➡ **Regras de constituição de turmas**



Conclusões

👉 Taxa de conclusão

- O currículo das disciplinas da formação geral deveria ser direcionado para uma vertente mais prática e contextualizado nas necessidades empresariais, e tem de ter em conta o perfil dos alunos, que é diferente dos alunos dos CCH
- É importante que os professores modifiquem as suas estratégias de ensino para uma formação essencialmente prática, virada para os problemas do dia-a-dia, dado que são alunos de cursos vocacionais



Obrigada pela atenção

